



FERNANDO PESSOA NAS AULAS DE FILOSOFIA *FAUSTO: A TRAGÉDIA DA FALTA DO SENTIDO*

Autora

*Michele Regina Bora¹

Orientador

Manuel Moreira da Silva²

Eixo Temático:

Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Palavras-chave: ensino. racionalidade. existência.

Este trabalho discute, de início, o problema do conhecimento desenvolvido na obra *Fausto – Tragédia Subjetiva*, de Fernando Pessoa; a rigor, apresenta o questionamento do personagem Fausto à insuficiência da racionalização, tal como esta se desenvolve a partir da modernidade, no que toca à questão mais fundamental do ser humano enquanto pensante: a existência. Além disso, o presente trabalho se constitui igualmente como um resultado de uma intervenção prática, sob a forma de uma experiência didático-pedagógica, no âmbito do Subprojeto Filosofia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – da Unicentro/PR, em realização no Colégio Visconde de Guarapuava, em Guarapuava/PR. Em reuniões periódicas – no projeto CineClube de Leitura, a partir do que considera-se da tragédia do *Fausto* pessoano, a experiência questiona a excessiva valorização do conhecimento racional-abstrato que, no fundo, não auxilia no aprendizado que requer a vida cotidiana. Com isso, a intervenção didático-pedagógica desenvolvida não permite apenas a aproximação de filosofia, literatura, cinema e educação, ao contrário, também assume para si a postura de Fausto de que o pensamento não pode alcançar a verdade última sobre as coisas; por isso, defendemos que um ensino puramente conceitual ou abstrato não satisfaz as exigências de um mundo que está em constante mudança e que está submetido a um sistema puramente disciplinador. Desse modo, ao relacionar pesquisa

1

Graduanda do Curso de Filosofia-Licenciatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO/PR. Bolsista PIBID/CAPES-UNICENTRO. E-mail: miregina@live.com

2

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – e professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO/PR. E-mail: immanuelmoreyra@gmail.com

teórica e intervenção prática, o trabalho se coloca na vanguarda dos projetos internos do Pibid Filosofia da Unicentro/PR no sentido da elaboração e execução de uma proposta de ensino de filosofia que contribua efetivamente para a aprendizagem e discussão de questões essencialmente humanas, mas esquecidas no âmbito educacional.

Logo no início de *Fausto – Tragédia subjetiva*, nos deparamos com o fato de que a tragédia se caracteriza pela incognoscibilidade do sentido último da existência, ao mesmo tempo em que fica clara a impossibilidade do protagonista de deixar de buscar esse sentido. Diante disso, percebemos que este personagem é a personalização do sujeito moderno, mas em sua forma vivida e não apenas racionalizada; isso quer dizer que a modernidade definiu que o homem por ser racional pode ter controle sobre toda e qualquer coisa, entretanto essa tese não corresponde a vida propriamente dita. É por isso que Pessoa afirma que o drama *Fausto* é uma “encenação” da luta entre a Inteligência e a Vida.³ Assim, já sabendo ser impossível encontrar um sentido definitivo e que o conhecimento por si só não responde à questão fundamental sobre a existência, a experiência de Fausto, a de saber que não há como desvendar o Mistério da existência, mas mesmo assim sempre procurá-lo, nos fornece a concepção de que o sentido não é senão continuamente criado, ou ainda, continuamente aprendido. Em vista disso, afirmamos que um método de ensino que tem como objetivo apenas transmitir conhecimentos, algumas vezes destituídos de significado para os estudantes, não cumpre a necessidade de aprender o fundamental em nossa época; o conhecimento por si só não auxilia no aprendizado que requer a vida.

Aprender vários modos de se chegar ao resultado de uma mesma equação não é o mesmo que obter o conhecimento de como calcular os impostos pagos e seus investimentos ou desvios. Saber sobre genética poderia ser mais aproveitável se também aprendêssemos como agir frente a uma doença incurável. Conhecer teorias seria mais interessante se conseguíssemos fazer a correspondência com todos os aspectos das nossas vidas cotidianas e não apenas para o vestibular, para o trabalho ou para nada; se a gramática, a história, a filosofia, etc., fizerem *sentido* elas vão ser aprendidas, talvez aceitas ou refutadas, mas aprendidas. Note-se que estamos falando aqui de adolescentes brasileiros, estamos em uma realidade em que somente o *amor* pelo conhecimento não atinge senão uma pequena parcela da sociedade; há consumismo e pobreza em demasia, gravidez precoce, drogas, bullying, falta de maturidade, e porque esta é confundida com disciplina há falta de saber o que fazer, ansiedade, etc.

Diante dessa fundamentação sobre o conhecimento racional, o sentido e a vida, que nos mostra o quanto se perde quando colocamos a educação como o ato de ensinar conceitos, consideramos que as artes, neste caso a literatura e o cinema, estão mais próximos do debate acerca das questões humanas essenciais, as quais interferem muito no ensino-aprendizado; um exemplo claro disso é a pergunta típica dos alunos acerca do sentido daquilo que estão aprendendo, ou ainda, para quê certo conhecimento irá lhe servir para a vida. Neste sentido, nos encontros do CineClube de Leitura buscamos tematizar o que faz parte do cotidiano de todos, doenças, sofrimento, morte, etc. Tendo com isso a intenção de mostrar aos alunos que o conhecimento é sim *útil*; em nosso

O autor do drama, Fernando Pessoa, comenta: “O conjunto do drama representa a luta entre a Inteligência e a Vida em que a inteligência é sempre vencida. A Inteligência é representada por Fausto, e a Vida diversamente, segundo as circunstâncias acidentais do drama” (PESSOA, 1991, p. 190).



projeto também consideramos o quanto os alunos (as) precisam ser ouvidos(as), visto que o ambiente escolar está submetido a um sistema de regras que ignora a constante mudança que rege o cotidiano que tem como consequência uma interminável procura por sentido.

No mês de setembro do ano corrente trabalhamos com o tema Depressão na Adolescência. Usamos como fio-condutor da discussão o livro *Uma História Meio que Engraçada* de Ned Vizzini, o filme escolhido foi *As Vantagens de Ser Invisível*. O livro narrado pelo personagem (Craig) conta a estória de uma adolescente que, entre outras coisas, não consegue corresponder às exigências do colégio para o qual se esforçara muito para ingressar. Ao conseguir o que queria, descobriu que não era bem o que ele esperava. Simplesmente não conseguia ter a mesma concentração e foco que tinha quando estava estudando para o teste aplicado para entrar nessa escola. O estresse e a pressão eram demais, então, após passar com especialistas e tomar medicação, ele chegou à conclusão de que o suicídio seria a única e melhor saída. Na mesma noite em que decide pular da ponte ele escolhe seguir outro caminho e procura por ajuda. No filme conhecemos Charlie que está começando a amadurecer e explorar a vida. Ele tem muitos desafios para enfrentar: o recente suicídio de seu único e melhor amigo, as dificuldades escolares, seu primeiro amor e suas próprias questões existenciais. Entre tudo isso, ele precisa descobrir quem ele é e a que lugar pertence, e, acima de tudo, Charlie quer deixar de ser apenas um expectador e começar a atuar em sua própria vida. Em ambas as obras percebemos o quanto a escola interfere na vida dos jovens, podendo ser de forma positiva, mas, muitas vezes, de forma negativa, por não considerar que questões pessoais refletem em como se dará o ensino-aprendizagem.

Enfim, entre as pesquisas filosóficas acerca da educação, do conhecimento, da existência etc., e a experiência de pôr em prática os resultados destas pesquisas, a coordenação do CineClube de Leitura defende que o ensino deva deter nas circunstâncias da vida e não apenas em teorias. Muitos responsáveis pelo ensino creem que a questão “onde vou usar isso que devo aprender?” é exclusivamente de caráter econômico ou faz parte da preguiça de estudar, nosso projeto e pesquisa encara esse questionamento, aparentemente tão simples, de modo estritamente filosófico. A partir de Fausto, podemos concluir que estabelecer um pensamento conceitual, onde somente uma definição acabada e fechada é bem-vista é querer esconder o Mistério, ou seja, a impossibilidade de colocar algo como definitivo. E isso tem como consequência uma guerra entre o pensamento e a vida; um ensino conceitual-abstrato mecaniza o ser humano, visto que põe suas sensações, seus sentimentos e experiências como secundárias. É isso mesmo o que o sistema educacional realiza ao propor uma educação formativa em que o conhecimento racional-abstrato é posto como essencial, esquecendo-se de que os (as) alunos (as) têm uma vida e suas circunstâncias para aprenderem a dar sentido.

Referências

Pessoa, Fernando. *Fausto – Tragédia Subjetiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.